



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Cem Dias de Trabalho: Pronunciamento à Nação em Cadeia Nacional de Rádio e Televisão

Meu Governo completa hoje cem dias de trabalho. É um bom momento para fazer uma primeira prestação de contas a você.

O Brasil começou a mudar. Começou a mudar com o seu voto, com o voto da maioria que, por duas vezes, no primeiro e no segundo turno das eleições, depois de quase 30 anos, escolheu de forma direta e plenamente democrática o Presidente de seu País.

Naquele momento, tenho certeza, estávamos escolhendo também uma nova maneira de viver, um Brasil Novo. Desde o primeiro dia deste tempo, que será uma nova era para todos nós, o Brasil começou a mudar. Desde meu primeiro dia de trabalho cada um dos brasileiros pode estar certo de que este é um Governo que vai cumprir cada um dos compromissos que assumimos com a Nação.

Quem depositou nas urnas sua confiança em mim sabia quais eram estes compromissos. Sabia que nossa luta seria para libertar de uma vida desumana e miserável a maioria da população brasileira. Sabia que faríamos um Governo voltado primei-

ro para os pés descalços, para os descamisados, para os sem casa, para os abandonados, para os que nunca tiveram nada.

É exatamente isso o que fiz desde o início. E é o que farei.

Vamos pensar juntos. Como estaria o nosso Brasil se o povo não tivesse tomado a decisão de mudar seu próprio destino? Como seria nossa vida hoje se o meu Governo não tivesse seguido fielmente o programa aprovado nas urnas? Se não tivéssemos tido a coragem de tomar medidas drásticas para baixar a inflação e para colocar em prática as metas que já estão transformando a realidade?

«Hoje, quem tem saudades do passado?»

Você se lembra bem do que nós estávamos passando. E é importante que a gente não esqueça, mesmo agora, quando podemos comemorar a grande vitória de ter conseguido baixar a inflação de 84,3%, ou seja uma hiperinflação, para cerca de 8% ao mês. Exatamente como prometi na campanha. Prometi e cumpri: em três meses a inflação realmente estava abaixo dos 10%.

Vamos imaginar que nada disso tivesse sido feito. A inflação teria continuado, no mínimo, no mesmo patamar de antes: quase 90% ao mês. A cesta básica — o conjunto de alimentos essenciais ao sustento da família trabalhadora — custava 2.740 cruzados novos, no dia 15 de março. Hoje, se a inflação fosse aquela que combatemos e vencemos, a mesma cesta básica, ao invés de 2.740, estaria custando 17.167 cruzeiros — 526% a mais.

Mas nossa realidade hoje, graças a Deus, é outra. A inflação despencou e continua a cair. Já estávamos muito acostumados com a inflação fazendo parte do nosso dia-a-dia. Temos que abandonar a idéia de que a inflação não pode ser vencida. Pode, já está sendo e será mais rapidamente vencida na medida em que a sociedade brasileira se convencer de que somos nós que vamos, com coragem e vontade, construir o nosso futuro.

Hoje quem tem saudades do passado? Só os egoístas. Os que não têm e nunca tiveram espírito de união e amor ao próximo. Os que sempre defenderam seus privilégios sem que pesasse o sofrimento da maioria. Os que não são patriotas. Os que se esqueceram até mesmo dos princípios da solidariedade cristã. Aqueles que teimam em não ver a Nação sendo redimida e reclamam de perdas individuais.

Agora, aqueles que acreditaram nas nossas idéias e metas e todos que têm, ao lado da esperança, a certeza de que é preciso lutarmos juntos, estes estão confiantes em uma vida melhor. É isso o que dizem as pesquisas de opinião, que mostram termos, hoje, o apoio indispensável da sociedade, ainda maior do que o dos 35 milhões de votos que até aqui me conduziram. É o que me dizem também os gestos de carinho e incentivo que continuo a receber nas ruas. São provas de que a maioria sabe que o País tem Governo e tem um Governo que defende, por cima dos interesses de qualquer grupo, o interesse nacional.

Exatamente como prometi, estamos dia-a-dia, enfrentando os poderosos. Combatemos duramente os sonegadores e os especuladores. Quem vivia da ciranda financeira está sendo obrigado a investir em produção, porque hoje já não é mais possível jogar com o dinheiro e viver de especular como se fazia, por exemplo, de forma totalmente ilegal, com o dólar no mercado paralelo.

Criamos novas normas, como o fim do cheque ao portador, e passamos a cumprir nosso dever de Governo, cobrando de todos a devida contribuição fiscal. Hoje, no Brasil, vivemos, enfim, como nas nações civilizadas; quem não paga os impostos devidos sabe que vai prestar contas à Justiça.

Seguindo o exemplo dos países modernos e desenvolvidos, estamos cortando os gastos do Governo. Reduzimos à metade o número de ministérios. Estamos liquidando mais de 50 empresas estatais e autarquias em áreas onde a presença do Estado era ineficaz e absolutamente desnecessária.

Eliminamos as mordomias de maneira radical: os milhares de carros oficiais, as mansões e todos os outros privilégios absurdos que existiam em nosso País, minha gente, hoje são coisas do passado. Estas medidas correspondem a compromissos

que assumi com você ainda no início de nossa caminhada. São pontos do Plano de Governo, aprovado por você, que colocamos em prática e que têm se mostrado eficazes e competentes. Mas a sociedade precisa compreender que o plano é apenas um instrumento.

Foi, desde o início — eu acredito firmemente nisso —, o melhor meio que encontramos para enfrentar a dramática situação em que se encontrava o País. Ou tomávamos as atitudes corajosas que tomamos ou seria a hiperinflação, o desemprego, a falência, o desabastecimento, o caos. Ainda mais importante que o plano econômico são nossos objetivos finais.

«O povo compreende que o País
da facilidade e dos desmandos
deixou de existir.»

O sucesso do plano é um passo preliminar, a batalha inicial mas decisiva para conseguirmos atingir a meta de fazer uma autêntica revolução modernizante em nosso País. Isto significa tanto e tão-somente, minha gente, melhorar as condições de vida de cada brasileiro. Porque não existe sinal de modernidade mais claro do que a justiça social. E um país moderno é exatamente isto: o país que consegue oferecer a cada um e a todos os cidadãos as oportunidades para uma existência digna.

Foi efetivamente neste sentido que o Brasil começou a mudar. Mudou-se a mentalidade porque mudaram-se as práticas. Quando um Governo encara frente a frente, como encaramos, a situação de calamidade em que se encontravam nossos hospitais e exige trabalho em respeito à vida humana, o povo compreende que o País das facilidades e dos desmandos deixou de existir. Quando um Governo demonstra, claramente, como temos demonstrado, que está combatendo a ociosidade e o desperdício, valorizando os bons funcionários e até oferecendo aos que estão sendo colocados em disponibilidade a oportunidade de um reaproveitamento, quando um Governo, enfim, moraliza o serviço público, cada trabalhador brasileiro se sente pessoalmente mais

respeitado. Quando lançamos o Programa de Ação Municipal para habitação, visando diminuir o gigantesco déficit habitacional que deixa nas ruas milhões de marginalizados, cada dona-de-casa pode estar mais tranqüila e contar com uma vida mais segura. Quando recomeçamos obras como as da Usina Hidrelétrica de Xingó, que vai livrar o Nordeste do sério risco do racionamento de energia, a população, em cada canto deste País, sente mais protegida em seu direito de ver diminuídas as desigualdades regionais.

Quando um Governo se propõe, como estamos verdadeiramente nos propondo, a acabar com a vergonha dos milhões de menores abandonados e cria um programa tão importante quanto o do «Ministério da Criança», os jovens podem voltar a confiar no amanhã. Quando, finalmente, o Governo exerce seu dever e assume suas responsabilidades respeitando integralmente a Constituição, dialogando com o Congresso Nacional e cumprindo cabalmente as decisões do Poder Judiciário, sabemos todos que vivemos em uma democracia, onde cada um dos poderes constituídos exerce de forma absolutamente livre suas funções, para o bem maior do País.

Sei que os primeiros dias de meu governo exigiram sacrifícios pessoais de muitos. Não podia ser diferente. Nunca prometi o jardim de rosas que orna os discursos dos irresponsáveis e dos oportunistas. Determinei que medidas duras fossem tomadas sim, porque o Brasil não pode preparar sua entrada no século XXI suportando a carga de uma mentalidade e de uma estrutura do século XIX.

Estávamos cansados de ser a Nação da falta de esperança, os dois Brasis, o eterno País do futuro. O futuro é agora, e o Brasil já começou a mudar.

Não podemos ser e não seremos nunca mais um País citado como violento em relatórios da Anistia Internacional. Nossa sociedade não tolera a violência, e não permitiremos que o Brasil Novo conviva com qualquer forma de desrespeito aos direitos humanos.

Confio que os estados da Federação estarão unidos ao Governo Federal no combate a qualquer espécie de violência, o que exige uma completa reciclagem e modernização das polícias

estaduais. E tenho a convicção de que o Poder Judiciário participará com esforço redobrado desta nossa busca de ordem e de paz, que contará com o apoio integral do Executivo e o meu empenho pessoal.

Minha gente, o Governo fez muito e fará muito mais. Mas o Governo não pode fazer tudo sozinho. Ao Governo, representante da vontade popular, cabe liderar a união dos mais diversos segmentos da sociedade em torno de um projeto maior que é arrancarmos o Brasil, para sempre, das garras do atraso, da miséria e do subdesenvolvimento. É com este ânimo que faço agora o chamamento à cidadania, o meu apelo a todos vocês.

Aos consumidores, reitero que não aceitem pagar preços indevidamente elevados. Garanto a vocês: não há motivo real para aumento de preços. Assim, se você se recusar a comprar, se deixar para depois, os preços terão que cair mais. E haverão de cair.

Dos empresários espero, firmemente, que evitem o reajuste dos preços e compartilhem do custo desta fase de ajustamento. Lucros menores hoje serão, sem dúvida, a única garantia de lucros sólidos e permanentes no dia de amanhã.

Aos trabalhadores, peço que mantenham o sentido de responsabilidade com que, em sua imensa maioria, vêm se conduzindo até agora. O Brasil tem uma dívida histórica, social e moral para com os trabalhadores. Porque eu sei como esta dívida se reflete duramente na vida de cada um de vocês — que precisa e merece ter um salário melhor —, quero transformar este meu pedido de participação também em um especial agradecimento ao trabalhador brasileiro, principalmente aos mais humildes.

A intransigência de poucos impediu que firmássemos, como desejávamos, um acordo democrático envolvendo Governo, trabalhadores, empresários e consumidores. Enfim, todos. Mas o Governo não pode se omitir e não vai permitir que a maioria seja prejudicada.

Na próxima semana estaremos enviando ao Congresso Nacional uma proposta de reposição das perdas salariais que os trabalhadores sofreram no período anterior ao nosso Governo, sem abrir mão da prioridade que é a derrota final da inflação.

Nesta próxima semana estaremos também apresentando as diretrizes das políticas industrial e de comércio exterior que definirão as linhas de nosso desenvolvimento econômico e a forma de incorporação do Brasil no mundo moderno.

Já superamos as provações mais duras e precisamos continuar a acreditar e a confiar no Brasil. O País precisa desta confiança e da contribuição de todos. O Brasil, como País, já realizou sua esperança de viver em liberdade. Agora vamos nós, cidadãos brasileiros, com a ajuda de Deus, viver cada um a verdadeira liberdade que é voltar a ter esperança em um futuro melhor.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
em cadeia nacional de rádio e televisão,
no dia 22 de junho de 1990.*